



Mediação Docente e o Uso da Comunicação Alternativa no Contexto Escolar

Suelen Coelho Lima de Andrade – SEMED – suelenclima@yahoo.com.br

Eixo 04: Diversidade. Gênero e da Educação Especial Inclusiva na Amazônia sob o prisma dos Direitos Humanos. Aborda as dimensões da formação, das práticas pedagógicas, da saúde e do movimento humano nos contextos da educação.

Resumo: Este artigo, fruto de uma pesquisa de mestrado, concluída, intitulada: A Comunicação Alternativa e a Mediação do Professor na Sala de Recursos Multifuncionais: um estudo de caso, traz em um recorte da dissertação, a proposta de entender a mediação docente por meio do uso de recursos de comunicação alternativa, cujos processos comunicativos estão para além da verbalização. Trata-se da comunicação que valoriza as potencialidades de pessoas público da Educação especial que, por consequências diversas, estão privadas parcial ou definitivamente da fala. Portanto, conclui-se que o corpo se comunica não apenas falando, verbalizando, mas existindo em sua integralidade, mesmo diante de alguma dificuldade imposta pela deficiência e a mediação do professor nesse processo, auxilia a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Comunicação Alternativa. Atendimento Educacional Especializado. Inclusão Escolar.

Introdução

A necessidade da realização de estudos acerca da comunicação alternativa, nos traz a esperança do entendimento acerca dessa comunicação no contexto de uma Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva.

Para que os professores saibam como interagir com seus alunos que estão privados, parcial ou definitivamente das vias convencionais de comunicação, demonstrando a preocupação com a qualidade no atendimento às pessoas com deficiência, se faz necessário inicialmente, o acolhimento ao público usuário de comunicação alternativa/CAA e formação continuada aos docentes que exercem a função de professores da sala de recursos multifuncionais, classes especializadas ou, até mesmo, as salas de referência.

Para melhor compreendermos o que é a CAA e qual sua contribuição no contexto escolar, foi preciso conhecer onde surgiu, quais os tipos de CAA que podem



ser mais utilizados na escola, quem são os usuários, quem são os parceiros de comunicação e como planejar o espaço e as ações para a aplicabilidade desse recurso de tecnologia assistiva.

Do exposto, o presente artigo nasce do compromisso em difundir conhecimento com vistas a atender funcionalmente alunos em desvantagem no processo comunicacional, haja vista que a sociedade ainda imprime a ideia de que a única forma de comunicação é a fala.

Destarte, mesmo frente às possíveis dificuldades apresentadas no contexto escolar, as práticas pedagógicas devem ser construídas, a partir da mediação da aprendizagem, por meio do uso de recursos de comunicação alternativa, num movimento de interação com os alunos que apresentam dificuldades ou ausência da fala.

Na busca pela escolha e preparação de materiais de CAA com significado para o aprimoramento ou a substituição da fala, se faz necessário conhecimento especificamente voltado para a personalização dos recursos trazendo sentido ao usuário de comunicação alternativa.

Assim, nosso olhar será sensível as necessidades específicas do público da Educação especial, entendendo o corpo como meio integral de comunicação, desmystificando a fala como veículo único para interação social.

Metodologia

A pesquisa se caracterizou de natureza qualitativa, sendo realizada com um professor, da sala de recursos multifuncionais, em uma escola da rede municipal de ensino em Manaus/Am.

As técnicas para produção dos dados foram, o questionário para perfilar o participante da pesquisa, a entrevista e a observação da prática docente.



O Mestrado ocorreu no período de 2014 – 2016 e esse processo investigativo, atemporal, teve por objetivo geral, analisar o papel do professor como mediador no processo de aprendizagem, na sala de recursos multifuncionais, procurando estabelecer como ocorre a aplicação da comunicação alternativa nesse processo.

O método utilizado foi o estudo de caso, por entendermos que conduz a busca por respostas às indagações pertinentes ao uso de CAA na escola. A opção pelo referido método, deu-se em função da possibilidade de compreendermos o objeto investigado e a ação do sujeito da pesquisa nesse contexto (Ludke; André, 2003).

Comunicação Alternativa e Inclusão Escolar: Um Breve Histórico

Na década de 70, surgem, no Canadá, as primeiras atividades com o uso de recursos da CA, através do método Blissymbols, utilizando a comunicação alternativa com crianças que apresentavam dificuldade na oralidade em decorrência de comprometimentos neuromotores.

O sistema Bliss é um recurso gráfico que foi idealizado por Charles K. Bliss (1887-1985), a princípio sendo pensado em caráter universal, ou seja, sendo utilizado em comum a todas as pessoas com alterações ou ausência da fala, independentemente de suas características específicas (Nunes, 2007).

No ano de 1971, o referido método foi conhecido por educadores que atuavam com crianças com deficiência que passaram a, especificamente, utilizá-lo com aquelas que apresentavam deficiências motoras. Tais atividades eram realizadas por uma equipe multiprofissional denominado Bloorview MacMillan Centre, situado no Canadá (Walter, 2009).

A comunicação alternativa surge no Brasil, no ano de 1978, e começa a ser difundida na Associação Educacional Quero-Quero de Reabilitação Motora e Educação Especial, localizada em São Paulo, capital. Nunes (2002) nos diz que no ano de 1986, o sistema acima referido, foi difundido na cidade do Rio de Janeiro, junto

à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em Niterói e à Sociedade Pestalozzi, do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, destacamos que a CA era utilizada, em caráter clínico, em consultórios particulares sob a administração de fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. Essa prática ainda se destacava enquanto modelo clínico de assistência aos alunos.

Walter (2009), nos mostra que a partir da década de 90, na cidade de São Paulo, a comunicação alternativa era utilizada na área da saúde caracterizando um tipo de atendimento clínico sem características pedagógicas, embora aplicados em instituições de educação especial desde a década de 80, uma vez que as escolas especiais começaram a utilizar recursos concretos com materiais impressos que caracterizavam figuras e fotos como sistema de comunicação alternativa.

Percebemos que ainda era inexpressivo o uso da CA num olhar que contemplasse o aspecto pedagógico, considerando os recursos enquanto instrumentos de mediação, podendo auxiliar o processo de comunicação e de aprendizagem do aluno.

Essa realidade nos aponta a necessidade da utilização de sistemas alternativos na escola na tentativa de caminhar em busca de uma educação inclusiva para os alunos com deficiência que apresentam comprometimento ou ausência da fala.

De acordo com o que nos diz Pelosi (2000), no ano de 1994, as escolas municipais, situadas na cidade do Rio de Janeiro, foram contempladas com a introdução do Sistema de Comunicação Alternativa SCA, por meio de um convênio firmado entre a equipe diretiva do Instituto Helena Antipoff e o Programa de Terapia Ocupacional da Secretaria Municipal de Saúde.

Já em 1995, iniciavam-se várias pesquisas voltadas para a CA, desenvolvidas na Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ. Nunes (2005) nos mostra que no ano de 1995, na UERJ iniciaram-se vários estudos relacionados à comunicação

alternativa e ampliada, a saber: modos alternativos de comunicação de alunos com deficiência física; procedimentos docentes relacionados ao uso da comunicação alternativa na escola, com alunos com paralisia cerebral, durante as vivências na brinquedoteca, interagindo com seus pares na realização dessas atividades e o uso dessa mesma comunicação em crianças com autismo, em creches.

Nesse contexto, já podemos identificar a CA e sua relação com processos educacionais. Ainda no ano de 2005, na UERJ, foi realizado o I Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa - ISAAC Brasil, motivado pela International Aumentativa/Alternativa Communication. Nessa oportunidade, o ISAAC Brasil teve por finalidade a promoção da melhor comunicação possível para as pessoas com comprometimentos complexos na oralização.

Visando a alcançar esse objetivo, o ISAAC Brasil contemplou: apoio aos usuários de comunicação alternativa e seus familiares; desenvolvimento de produtos e serviços de comunicação alternativa; promoção e apoio à realização de eventos, cursos, publicações sobre temas relacionados à comunicação alternativa; empenho quanto à discussão da importância da inserção da temática da comunicação alternativa nas universidades.

Nunes (2007), diz que o interesse pela comunicação alternativa tem se ampliado em grandes centros acadêmicos, em São Paulo, como a USP, UNESP de Marília, UNICAMP, UFSCar e no Estado do Rio de Janeiro, cita a UERJ.

A relação estabelecida entre o aluno e o mundo é mediada pelo professor e por meio do uso de recursos e metodologias arraigados de significados que advém da valorização de elementos que compõem a cultura do indivíduo, tendo por finalidade social estabelecer uma relação análoga entre instrumento e signos latentes na função mediadora (Vygotsky, 2003; 2007).

Vygotsky afirma ainda que, os instrumentos são ferramentas concretas que se interpõem entre o homem e o mundo ampliando as possibilidades de incidir sobre a



natureza e que os signos são exclusivamente humanos, pois possibilitam estabelecer relações mentais quando da ausência de coisas concretas.

Partindo dessas ideias, pontuamos que os processos cognitivos presentes na mediação são reorganizados por meio do uso de signos e os recursos da comunicação alternativa em comunhão com a abordagem histórico-cultural, colaboram com a relação do aluno com o meio, possibilitando que a emissão e a recepção das mensagens se estabeleçam, por intermédio da mediação durante o movimento de ensino e de aprendizagem, permitindo a ressignificação da prática docente em uma dinâmica perene de trocas sociais, entre professor e aluno, que se darão mediante os diversos tipos de linguagem estabelecidos nesse processo.

Pelo exposto, o emprego da CA afeta não só a linguagem expressiva dos alunos, mas também a linguagem receptiva, possibilitando mais autoconfiança e aproximação com seus pares, haja vista que nas relações sociais existe um movimento de trocas que exige compreensão acerca do que se pretende manifestar, comunicar (Alencar, Oliveira e Nunes, 2003).

Os recursos de comunicação alternativa podem ser sinalizados a partir das necessidades de cada sujeito. Essas necessidades podem ser manifestadas, segundo Tetzchner e Martinsen (2000), abrangendo três grupos principais:

1 - Grupos de pessoas com necessidades de um meio de expressão: Apresentam uma grande diferença na capacidade de compreender e produzir a fala;

2 - Grupos de pessoas com necessidade de uma linguagem de apoio: Dividem-se em duas situações, quais sejam: um grupo constituído por pessoas que se utilizam da comunicação alternativa e ampliada para aquisição da linguagem e outro grupo que é constituído por pessoas que verbalizam, mas que em alguns momentos apresentam dificuldades para serem compreendidas;

3 - Grupos de pessoas com necessidade de uma linguagem alternativa: constituídos por pessoas que necessitam, permanentemente, do uso de recursos de



CA enquanto instrumento substitutivo da linguagem falada, em função de estarem privadas definitivamente da possibilidade de usar a fala convencional para se comunicar.

Uma vez identificado o usuário de CAA, é preciso fazer um planejamento individualizado com vistas ao atendimento especializado. Para tanto, o professor da sala de recursos multifuncionais precisa estreitar a comunicação com o professor (a) da sala de referência para, em parceria, ofertarem o melhor recursos aos alunos usuários de comunicação alternativa.

A Mediação do Professor e os Sentidos Atribuídos ao uso da Comunicação Alternativa em Contexto Escolar

A ação docente está imbuída de significados e para tanto, se faz necessário dar sentido ao que é proposto aos alunos considerando suas limitações, mas principalmente suas potencialidades.

Nesse contexto, a relevância do papel do professor está presente não só nas suas concepções de ensino e de aprendizagem, nas metodologias desenvolvidas, mas principalmente nas relações humanas estabelecidas na escola e que direcionam o fazer docente, na sala de recursos multifuncionais, vislumbrando proporcionar a promoção da autoconfiança e autoestima dos alunos com deficiência que, muitas vezes, estão alijados das possibilidades de manifestar suas capacidades humanas, dentro e fora do ambiente escolar.

As condições que dão sentido às práticas docentes são um conjunto de interações sociais estabelecidas entre o professor concebendo o ensino e a aprendizagem como uma construção compartilhada de significados (Zabala, 1998). Em entrevista com o professor, participante da pesquisa, perguntamos qual a concepção de ensino e aprendizagem que norteava seu papel docente:

[...] eu fico preocupado porque quero atender às necessidades dos alunos com ensino para cada um deles e sem uma pessoa pra me ajudar no trabalho com eles. Aqui na sala de recursos, a mediação fica



comprometida porque entendo que o ensino não é só o documento escrito, não é só o plano de aula. Mas cada ato nosso na sala de aula, por mais pequeno que pareça, se for com responsabilidade com os alunos, gera conhecimento e aprendizagem. E tudo o que eu puder lançar mão para melhorar a vida da criança é importante.

A preocupação com a aprendizagem dos alunos demonstra que a concepção de ensino não se limita apenas a elaboração de um documento escrito, a saber, o plano de aula, mas sim com as condições para que se efetive a execução dos procedimentos que permitirão socializar conhecimentos, vivências, na busca da valorização das especificidades manifestadas por seus alunos.

A busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento da prática docente, demanda compromisso com a aprendizagem e com a aquisição de conhecimentos específicos para melhor atender os alunos. Sobre essa questão, o professor relata:

Penso como trabalhar individualmente com meus alunos. Tenho que atender os alunos e cada um tem um jeito de ser, um gosta de uma coisa o outro não gosta, uma atividade dá certo pra um aluno, mas pro outro não dá, por isso temos que buscar realizar atividades de uma educação que acolhe a todos e possibilita igualdade de desenvolvimento.

É possível identificar a relevância da existência de condições favoráveis para a aprendizagem, como um adequado planejamento das atividades oportunizando leitura, a intencionalidade na prática docente e critérios para a escolha de recursos de CA, bem como a escolha dos procedimentos pedagógicos que auxiliem a comunicação com os alunos permitindo a valorização das suas potencialidades.

Quanto aos sentidos e significados presentes na ação docente, o professor afirmou que: "Às vezes meu papel aqui na escola fica difícil porque são muitos entraves que afetam meu trabalho e a aprendizagem dos alunos. Entre eles o tempo, os recursos e a família". Nesse sentido, o professor se referia a resistência trazida pela família quanto a necessidade de frequentar a sala de recursos e quanto ao acompanhamento familiar garantindo assiduidade e participação efetiva nas ações



pedagógicas ofertadas, o tempo mínimo para tantas necessidades a serem atendidas e a falta de recursos de CAA para o uso com os usuários desse recurso.

Nessa perspectiva, dar sentido a sua prática é conseguir estabelecer com o aluno uma relação saudável, que permita aprender e ensinar num movimento dinâmico de trocas sociais e, para tanto, é necessário a colaboração da família no que diz respeito ao acompanhamento dos filhos na escola, administrar o tempo para a realização das atividades.

Outro fator relevante nesse processo é a aquisição de recursos, que auxiliem as práticas pedagógicas durante a mediação, para o alcance de uma aprendizagem significativa para o público da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Nas palavras do professor, durante a entrevista, as concepções que norteavam os sentidos e os significados de sua ação docente significavam:

[...] dar o melhor que pudermos aos alunos e atendê-los em suas necessidades, respeitá-los, fazer o que puder para ajudá-los, pois nosso objetivo maior é favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno que apresentarão significativos avanços, isso dá sentido. Por isso continuarei estudando!

Procedimentos para a Aplicabilidade do Recurso de Comunicação Alternativa

O professor tem como função organizar o ensino a partir dos conhecimentos historicamente elaborados pelo homem, que serão refletidos culturalmente na escola. Para tanto, essa função exige formação continuada, concernente aos diferentes processos e procedimentos pedagógicos que envolvam habilidade, competência e afetividade na valorização dos saberes construídos socialmente e tão latentes no espaço escolar, bem como a tudo que for concernente a aplicabilidade de CAA em contexto escolar (Bersch, 2007).

Diante do exposto, a observação da ação docente, no decorrer dos procedimentos para a aplicabilidade dos recursos de CA, na sala de recursos multifuncionais, nos permitiu perceber que o professor acredita na relevância da busca perene de formação, de organização do trabalho pedagógico e de um plano de ensino, bem elaborado e participativo:

[...] para mim, o planejamento é importante [...] se trata do momento em que devemos ler, estudar, trocar ideias, experiências e construir um plano de aula a partir da realidade dos alunos, pensar sobre ela, mas fico preocupado porque nem sempre consigo cumprir como gostaria porque, às vezes, acontece algum imprevisto.

Deliberato (2015) tece uma reflexão quanto a função docente e as práticas escolares, assim como ao trabalho multiprofissional, explanando que:

As ações inclusivas escolares e sociais para os alunos deficientes não falantes requerem a participação conjunta dos profissionais da saúde e educação. A elaboração de um programa de atuação pode favorecer uma maior e melhor participação dos alunos deficientes nas diferentes situações de aprendizagem e favorecer oportunidades para a inclusão social em diferentes ambientes com distintos interlocutores (p. 375).

Em relação ao atendimento multiprofissional, dispensado ao professor e ao aluno do AEE, o contexto da escola, lócus da pesquisa:

- o professor, que atua na sala de recursos multifuncionais, no turno vespertino, atendia aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo os alunos da classe especial;
- não havia auxílio de um profissional designado para atender os alunos, especificamente, nas atividades de vida diária como, por exemplo, 98 auxiliá-los a ir ao banheiro e durante as refeições, o que exige do professor, também, mais essa atribuição;
- o professor recebia assessoramento pedagógico disponibilizado pelo Complexo Municipal de Educação Especial/CMEE recebendo visitas

periódicas para suporte ao fazer docente frente ao trabalho proposto no AEE;

- O CMEE também oportunizava formação que ocorre por meio de palestras, cursos e oficinas;

No âmbito escolar, o papel do professor do AEE, vai além da aplicação dos recursos de CA, as ações que se complementam no movimento de mediação docente que permite uma visão prospectiva do aluno com ênfase em suas potencialidades.

As práticas pedagógicas do professor como mediador no uso de recursos de comunicação alternativa, refletiu seu compromisso e sua responsabilidade no que se refere ao desempenho de suas ações educativas.

Resultados

Ser professor requer ter uma visão ampliada da realidade, romper com a verticalização do ensino imposta por um modelo bancário no qual o aluno é concebido como ser não pensante.

Faz-se mister ter uma postura responsável ante a sociedade, criar condições favoráveis para que os alunos aprendam e se desenvolvam a partir da valorização de suas potencialidades, encontrando sentidos e significados, mesmo diante de limitações impostas por alguma deficiência.

Esse movimento perpassa pela aquisição de uma postura docente reflexiva e contínua que, gradativamente, promova a assunção do professor acerca de sua responsabilidade social permitindo que ele possa ressignificar sua ação educativa (Nóvoa, 1992).

Embora as condições de trabalho docente, não tenham sido totalmente favoráveis, a postura do professor esteve intimamente relacionada à certeza que ele tem quanto à capacidade de seus alunos aprenderem e se desenvolverem.



Considerações

A mediação por meio de um processo participativo, reflexivo, responsável e prospectivo, e o papel do professor como mediador, na relação ao uso de recursos da comunicação alternativa, visam propiciar a ampliação das possibilidades comunicativas e a aprendizagem dos alunos que apresentam comprometimento ou ausência da fala convencional certo de que essa prática está para além da aplicabilidade da técnica.

A ressignificação da ação docente, arraigadas de sentidos e de significados oriundos das relações sociais, estabelecendo um elo com o uso de recursos de comunicação alternativa, primam pela qualidade da comunicação e do aprimoramento das potencialidades na perspectiva de Educação Escolar Inclusiva.



Referências

- ALENCAR, G.A. R; OLIVEIRA, M.M; NUNES, L.R. Introdução da comunicação alternativa em ambiente escolar. 2003.
- BERSCH, Rita. **Tecnologia Assistiva**. In: **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Física**. SCHIRMER, Carolina R. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- _____. **Introdução a Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: www.assistiva.com.br. Acesso em 11/04/2016.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: SEESP/MEC, 2008.
- _____. Decreto 7611/2011: Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 2011.
- DELIBERATO, Débora; MANZINI, Eduardo José. **Recursos para a Comunicação Alternativa**. Portal de Ajudas Técnicas para Educação. Brasília, 2004.
- LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação. Abordagens qualitativas**. São Paulo: E.D.U, 2003.
- NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Nova Encyclopédia, 1992.
- TETZCHNER, Stephen Von; MARTISEN, Harald. **Introdução a Comunicação Aumentativa e Alternativa**. Ed. Porto, Portugal, 2000.
- YGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- _____. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WALTER, Cátia. Crivelenti Figueiredo. **Comunicação Alternativa para Pessoas com Autismo: o que as pesquisas revelam sobre o uso do PECS-Adaptado por pessoas com autismo**. In: DELIBERATO, Débora; GONÇALVES, Maria de Jesus; MACEDO, 2009.
- _____. Cátia Crivelenti Figueiredo. **O PECS-Adaptado no ensino regular: uma opção de comunicação**. In: Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes; Patricia Lorena Quiterio; Catia Criventi de Figueiredo Walter; Carolina Rizzotto Schirmer; Patricia Braun. (Org.). Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas no ensino do aluno com deficiência. 1a.ed.Marilia, SP: Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, v.1, p. 127-139, 2011.
- ZEICHNER, Kenneth M. **A Formação Reflexiva de Professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.